**Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes**

**Teste de Avaliação nº4**

**PortuguÊs – 12º Ano**

**2017/2018**

**GRUPO I (140 pontos)**

Leia, com atenção o seguinte poema. Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

**A**

|  |  |
| --- | --- |
| 5  10  15 | Padrão  O esforço é grande e o homem é pequeno  Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  Este padrão ao pé do areal moreno  E para diante naveguei.    A alma é divina e a obra é imperfeita.  Este padrão sinala ao vento e aos céus  Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  O por-fazer é só com Deus.    E ao imenso e possível oceano  Ensinam estas quinas, que aqui vês,  Que o mar com fim será grego ou romano:  O mar sem fim é português.    E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma  E faz a febre em mim de navegar  Só encontrará de Deus na eterna calma  O porto sempre por achar.  Fernando Pessoa, in *Mensagem*, Ed. Ática |

**Nota:**

Diogo Cão: navegador português do século XV que descobriu o estuário do rio Zaire, atingindo o limite meridional de Angola.

Padrão: marco de pedra com as armas portuguesas e uma inscrição, destinado a afirmar a soberania portuguesa no local onde era deposto.

1. **Indique as funções atribuídas ao "padrão" neste poema. *(28 pontos)***

Várias são as funções atribuídas, neste poema, ao "padrão". Como marco sinalizador que é, ele surge com a função de assinalar a passagem de Diogo Cão ( "Eu, Diogo Cão, navegador..." - v. 2) pelo "areal moreno" ("... deixei // Este padrão ao pé do areal moreno" - vv. 2-3), dando, assim, conhecimento de que a parte da "obra ousada" que competia ao navegador cumprir foi feita. **(6 pontos)** Outra função do padrão era testemunhar, pelas "Quinas" gravadas no monumento, o domínio português das terras que iam sendo descobertas **(6 pontos).** Finalmente, podemos descortinar uma terceira função do padrão: manifestar, através da "Cruz" que encima o  próprio "padrão", a transcendência do objetivo último da navegação do "eu", mais concretamente, a demanda de Deus. Difundir a fé cristã pelos vários cantos do mundo era anunciado, com efeito, como a finalidade principal dos Descobrimentos **(6 pontos).** É claro que, no fundo, isso não passava de mera propaganda, dado que a primazia estaria mais voltada para os  interesses económicos, mas numa sociedade tão profundamente religiosa como era a da altura, convinha, naturalmente, acenar com a bandeira da difusão do cristianismo!... **(6+6+6= 18 pontos)**

1. **Comente o significado dos versos: "Que o mar com fim será grego ou romano:/ O mar sem fim é português" (vv. 11-12). *(28 pontos)***

A contraposição entre o "mar com fim", que é "grego ou romano"  e o "mar sem fim", que é "português", consubstancia um enaltecimento das viagens marítimas dos Portugueses, afirmando a sua superioridade relativamente às dos povos da Antiguidade Clássica **(6 pontos).** Estes últimos dominaram apenas o conhecido, o "mar com fim, o Mare Nostrum **(6 pontos)**, enquanto os Portugueses se apropriaram do desconhecido, do "mar sem fim", que foram desvendando, acentuando-se, assim, a sua dimensão épico-heroica **(6 pontos)**. **(6+6+6=18pontos)**

1. **Descreva o retrato que o sujeito poético faz de si mesmo. *(28 pontos)***

Como traços mais relevantes do auto-retrato do sujeito poético, podemos apontar: a  ânsia e a exaltação de navegar que o impelem invariavelmente "para diante", na busca do "porto sempre por achar" **(6 pontos)**; o sentimento de insatisfação pela imperfeição da sua obra e, contrastivamente, o seu desejo de alcançar a perfeição; a tomada de consciência dos limites humanos, mas ao mesmo tempo o orgulho pela obra realizada **(6 pontos)**, ainda que não totalmente perfeita (a perfeição não é própria do "homem"; a grande força de vontade e determinação, aliadas à capacidade de esforço, de auto-superação; a ida para "diante", por estar ciente de que a obra realizada / a realizar tem uma dimensão transcendente e colectiva).

Nota-se, ainda, que ele nutre um sentimento de respeito e de fascínio pelo oceano, tal como se evidencia a sensação do dever cumprido **(6 pontos)** - "Que, da obra ousada, é minha a parte feita:" (v. 7). Tudo o que ainda está "por-fazer", isso, segundo ele, depende exclusivamente de Deus - "O por-fazer é só com Deus." (v. 8). **(6+6+6=18pontos) Nota: referir no mínimo 3 aspetos.**

**B**

Leia o excerto que se segue da *Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente.

Finge-se, na introdução, que Inês Pereira, filha de uma mulher de baixa sorte, está lavrando[[1]](#footnote-1) em casa, e sua mãe é a ouvir missa. E ela diz:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| 5  10  15  20  25 | **Inês**  Renego deste lavrar  E do primeiro que o usou;  Ao diabo que o eu dou,  Que tão mau é d’aturar.  Oh, Jesu! Que enfadamento,  E que raiva e que tormento,  Que cegueira, e que canseira!  Eu hei-de buscar maneira  D’algum outro aviamento[[2]](#footnote-2).  Coitada, assi hei-de estar  Encerrada nesta casa  Como panela sem asa,  Que sempre está num lugar?  E assi hão-de ser logrados[[3]](#footnote-3)  Dous dias amargurados,  Que eu possa durar viva?  E assim hei-de estar cativa  Em poder de desfiados?[[4]](#footnote-4) […]  Vem a Mãe e diz:  **Mãe**  Logo eu adivinhei  Lá na missa onde eu estava,  Como a minha Inês lavrava  A tarefa que lhe eu dei…  Acaba esse travesseiro!  Hui! Nasceu-te algum unheiro[[5]](#footnote-5)?  Ou cuidas que é dia santo?  **Inês**  Praza a Deus que algum quebranto[[6]](#footnote-6)  Me tire do cativeiro. | 30  35  40  45 | **Mãe**  Toda tu estás aquela!  Choram-te os filhos por pão?  **Inês**  Prouvesse a Deus! Que já é razão  De eu não estar tão singela[[7]](#footnote-7).  **Mãe**  Olhade ali o mau pesar!  Como queres tu casar  Com fama de preguiçosa?  **Inês**  Mas eu, mãe, sam aguçosa[[8]](#footnote-8),  E vós dais-vos devagar.[[9]](#footnote-9)  **Mãe**  Ora espera assi, vejamos  **Inês**  Quem já visse esse prazer!  **Mãe**  Cal’­te, que poderá ser,  Que ante a Páscoa vêm os ramos.  Não te apresses tu, Inês,  Maior é o ano qu’o mês.  Quando te não precatares[[10]](#footnote-10),  Virão maridos a pares,  E filhos de três em três. |

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. **Com base no monólogo inicial, identifique dois traços do perfil psicológico de Inês, fundamentando a sua resposta. *(28 pontos)***

Aborrecimento relativamente à vida de solteira (encarada como “cativeiro”), rejeição “…que raiva e que tormento”, “Renego deste lavrar/E do primeiro que o usou”, “Oh, Jesu! Que enfadamento,”; inconformidade com a vida que leva “… assi hei-de estar/Encerrada nesta casa (…)?” **(9 pontos)** ; Determinação em mudar de vida, Ansiedade e idealismo em relação à vida de casada. “Eu hei-de buscar maneira/D’algum outro aviamento” **(9 pontos)**.

1. **Caracterize a relação existente entre mãe e filha. *(28 pontos)***

Relação marcada pela autoridade materna relativamente à conduta da filha **(6 pontos**). Função da mãe: vigilância, crítica, censura, “Hui! Nasceu-te algum unheiro?/Ou cuidas que é dia santo?”, aconselhamento “Não te apresses tu, Inês,” **(6 pontos)**. Atitude de Inês Pereira: queixume “…já é razão/De eu não estar tão singela.”, insolência “Quem já visse esse prazer!” **(6 pontos).**

**GRUPO II (60 pontos)**

“Soaram as vozes do arruído pela cidade, ouvindo todos bradar que matavam o Mestre, e assim como viúva que rei não tinha, e como se lhe este ficara em lugar de marido, se moveram todos com mão armada, correndo à pressa para onde diziam que isto se fazia, para lhe darem vida e escusar a morte.”

Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Cap.XI

“Nas crónicas de Fernão Lopes não há só história: há poesia e drama; há a Idade Média com sua fé, seu entusiasmo ou amor de glória."

Alexandre Herculano, “Opúsculos”, V, Lisboa, 1881

Fazendo apelo à sua experiência de leitura, mostre como esta afirmação de Alexandre Herculano se coaduna com **o papel assumido pelo povo de Lisboa na *Crónica de D. João I* e com o modo como Fernão Lopes no-lo apresenta.**

Escreva um texto de **200** a **300** palavras.

O povo de Lisboa é uma personagem da *Crónica de D. João I* de extrema importância para o desenrolar dos acontecimentos que culminarão no início da dinastia de Avis. Por essa razão, é considerado uma personagem épica e coletiva. Personagem épica porque realiza ações em grande escala, de superação; coletiva porque representa um grupo de indivíduos que age por uma só vontade e é animada por sentimentos, interesses e objetivos comuns.

No capítulo 11 da *Crónica*, tal como se pode verificar no excerto aqui presente, encontramos a população de Lisboa a agir corajosamente, e em comunidade, para tentar salvar o Mestre de Avis, que se encontrava em perigo. Para tal, contribui o modo como Fernão Lopes nos apresenta esta personagem: organizando dramaticamente os seus relatos, muitas vezes em progressão ascendente até a um clímax (“…se moveram todos com mão armada, correndo à pressa para onde diziam que isto se fazia, para lhe darem vida e escusar a morte.”). É pois o seu estilo dinâmico e coloquial que valida a afirmação de Alexandre Herculano: “Nas crónicas de Fernão Lopes não há só história: há poesia e drama; há a Idade Média com sua fé, seu entusiasmo ou amor de glória."

Podemos então concluir que o povo de Lisboa tem um papel ativo e decisivo neste período da História de Portugal, e que Fernão Lopes evidencia isso, mostrando a enorme consciência de comunidade deste povo, o seu empenho, a sua força, a sua motivação coletiva.

(243 palavras)

**Observações:**

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).

2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados, há que atender ao seguinte:

- um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;

- um texto com extensão inferior a sessenta palavras é classificado com zero pontos.

1. Bordando, [↑](#footnote-ref-1)
2. Ocupação, [↑](#footnote-ref-2)
3. Aproveitados, [↑](#footnote-ref-3)
4. V.18- a fazer travesseiros de franjas, [↑](#footnote-ref-4)
5. Furúnculo por baixo da unha, [↑](#footnote-ref-5)
6. Feitiço, [↑](#footnote-ref-6)
7. Solteira, [↑](#footnote-ref-7)
8. Dedicada, [↑](#footnote-ref-8)
9. V.37- vós sois preguiçosa (quanto à vontade de casar a filha) [↑](#footnote-ref-9)
10. V.44- Quando deres por isso. [↑](#footnote-ref-10)